

humanitas

Vol. II

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HVMANITAS

VOLUME II



COIMBRA
MCMXLVIII-MCMXLIX

Três inscrições do latim vulgar (')

Apesar das meritórias e proveitosas colecções epigráficas de Orelli, Henzen, Rossi e Le Blant — para só citar algumas —, o grande surto da epigrafia deve-se à publicação do *corpus inscriptionum LATINARVM*. Este monumental trabalho, começado em 1863, sob os auspícios da Academia de Berlim, ainda hoje prossegue (2), e veio abrir novos horizontes à história e à língua dos Romanos.

Assim, no que se refere ao conhecimento do latim falado, ele proporcionou investigações sobre a Gália (3), a Hispânia (4),

(1) I — *L'Année épigraphique*, 1941, pág. 43; II — *L'Année épigraphique*, 1938, págs. 4V46; III — Merlin, *Inscriptions latines de la Tunisie*, 1944, pág. 135. Não figuram, portanto, em Diehl, *Vulgar lateinische Inschriften* (iQio), nem em Slotty, *Vulgärlateinisches Übungsbuch* (1918), nem em Muller-Taylor, *Chrestomathy of Vulgar Latin* 0932).

(2) Contam-se, até agora, 16 volumes. O primeiro é dedicado às inscrições anteriores à morte de César, aos Fastos e aos Calendários. Seguem-se os tomos relativos a cada província: o 11 contém as inserções da Hispânia, o 12 as da Récia, e assim por diante. Finalmente, organizam-se, agora, os tomos por assuntos: o xvi encerra os diplomas militares.

Periodicamente se publicam suplementos, com inscrições recentes, ou índices dos volumes já publicados. Os últimos que possuo são os seguintes: *corpus inscriptionum LATINARVM*, vol. i, *partis posterioris fasciculus III, editio altera*, Berlim, 1943 (é um fascículo de 32 págs., com várias inscrições novas, sobretudo as que se descobriram há pouco em Minturnas); *corpus inscriptionum LATINARVM*, vol. xiii, *pars quinta*, Berlim, 1943 (trata-se dos índices das inscrições da Gália e da Germânia).

(3) Pirson, *La langue des inscriptions latines de la Gaule*, 1901.

(4) Carnoy, *Le latin d'Espagne d'après les inscriptions*, 1906. Aliás, deveria ser *d'Hispanie*.

a Africa (1), a Sicilia (2), Pompeios (3), a Dácia (4) e a Dalmácia (5).

Agora seria possível, e desejável, aproveitando-se os materiais já carreados e acrescentando-se outros, das numerosas inscrições recentemente publicadas (6), levar a cabo um estudo de síntese.

As referidas inscrições, como é natural, corroboram factos já documentados e, aqui e além, apresentam novidades. Por exemplo: *quaitor* (*L'Année*, 1933, 19); *meses* (id., ibid.); *cuator* (*VAnnée*, 1940, 20); *cata* (grego κατά: id., 53); *emitylium* (hápx: *L'Année*, 1940, 23); *illa* (palavra muito rara em latim, que significa ((almofada): id., ibid.); *geratias* (caso de suarabácti, por *gratias*: *VAnnée*, 1942-43, 15); *im pace* (id., 16); *Vitorius* (em inscrição de 105 d. C : *L'Année*, 1945, 14); *lirini* (adjectivo que pressupõe o subst. *liriu*, latinização do grego λείριον: id., 24); *septembium* (sic) (por *septembrium*: Diehl, n.º 274); *nobenbrium* (id., n.ºs 304, 1651 e 2089); *pasus* (por *patiens*: id., n.º 483); *cinquaginta* (id., n.º 499); *cinque* (id., n.ºs 506 e 1383); *quaraginta* (id., n.º 554); *Jussor* (por *tonsor*: id., n.º 604); *pinctor* (id., n.º 671); *geloria* (por *gloria*: id., n.º 811 a); *facoletatem* (por *facultatem*: id., ibid.); *costa* (com o sentido de «esposa»; cp. o port, *costela*, e o que diz

(1) E. Hoffmann, *De titulis Africae Latinis quaestiones phoneticae*, 1907; E. Pieske, *De titulorum Africae Latinorum sermone quaestiones morphologicae*, 1913.

(2) N. Maccarrone, *Il latino delle iscrizioni in Sicilia* (in *Studi Romani*, vu, 1908, 75/116). E cf. ainda: *La vita del latino in Sicilia*, Firenze, 1915.

(3) F. G. Wick, *La fonética delle iscrizioni parietarie pompeiane*, 1905; V. Väänänen, *Le latin vulgaire des inscriptions pompéiennes*, 1937 (particularmente importante).

(4) P. Dragoiescu, *Limba latina pe inscriptiile din Dacia*, 1930.

(5) P. Skok, *Vulgarismos na Língua das Inscrições Latinas da Dalmácia*, 1915 (em eslavo). E cf. ainda: *Zum Balkanlatein*, 1934.

(6) Por exemplo : Diehl, *Inscriptiones Latinae Christianae ueteres*, 1925 e ss. ; E. Espérandieu, *Inscriptiones latines de Gaule*, 2 vol., 1928/9; S. Gsell, *Inscriptiones de la Proconsulaire*, 1932; A. Merlin, *Inscriptiones latines de la Tunisie*, 1944; R. Gagnat e A. Merlin, *Inscriptiones latines d'Afrique*, 1944; L. Chatelain, *Inscriptiones latines du Maroc*, fasc. 1, 1942; A. Silvagni, *inscriptions Christianae Urbis Romae VII saeculo antiquiores*, 2 vol., 1922 e 1935 ; *VAnnée épigraphique*, de 1939 a 1946.

TRÊS INSCRIÇÕES DO LATIM VULGAR

Spitzer, *Lexikalisches*, pág. 41: n.º 1203); *febrarias* (id., n.º 1385); *octobrium* (id., 1394 A; numa inscrição africana, o *R. E. W.*, s. u., dá-a como forma reconstruída); *Cremencia* (id., n.º 1471); *sonum* (*somnum*, id., 1472); *sete(m)bres* (id., n.º 1498); *sesaginta* (id., n.º 1613); *ecresie* (por *eclesie*: id., n.º 1844 A ^África); *pattia* (hápx, de significação desenhada: n.º 2092; parece-me plural de *pattium* «suplício, martírio»; cf. *Spatium* no *R. E. W.*, s. u.); *cruta* (por *erupta*: id., n.º 2 152); *ticum* (por *tecum*: n.ºs 2253 e 2254); *cinquanta* (Merlin, pág. 304); *quaranta* (id., pág. 203); *settember* (id., pág. 209); *por* (id., pág. 195); *exselsis* (por *excelsis*: id., pág. 14b) *i fee er um* (Diehl, n.º 2583 A); *viscit* (por *vicsit*: cp. **tescere* por *teesere*: id., n.º 25gg); *qaragita* (id., 2679); *dodeci* (id., 2627); *Bonipatia* (id., 2734); *octobrium* (2g5^s); *cinque* (3048 B); *posuerum* (3399 A); *sipurco* (<*sipurcro* <*sipulcru* <*sepulcru*, 353g A).

São, pois, tarefas urgentes a *História do Latim Vulgar* e o *Dicionário Epigráfico*. Este último, é verdade, já começou a ser publicado; mas, infelizmente, caminha com muita lentidão (1). Trata-se de uma obra importante, não só do ponto de vista do latim, como, principalmente, para o melhor conhecimento da língua falada. Alguns exemplos ilustrarão a afirmativa.

Os dicionários (Quicherat, Georges, Gaiffiot, Ernout-Meillet) definem *tortio,-onis*, como «tortura, tormento». Mas, numa inscrição (2) dos sécs. II-III, essa palavra ocorre com o sentido de «cólica», o que, de facto, nos é confirmado pelo esp. *torolón* (3) e o port, *torção* (*torcilhão*) (4), de igual significado.

Nas *defixiones* de Cartago lê-se *pardus*, palavra que Jeaneret ligou a *pardālis*, - *is* : tratar-se-ia do animal rápido como

(1) *Thesaurus linguae Latinae epigraphicae, The Olcott Dictionary of Latin Inscriptions*, t, Nova Iorque, 1904 (vai até *Asturias*); 11 (em publicação).

(2) *C. L. L.*, iv, 33899; Diehl, *Vgl. Inschr.*, n.º 850.

(3) A respeito do fenómeno da suarabácti, vid. A. W. de Groot, *Die Anaptyxe im Lateinischen*, Go ttinga, 1921, págs. 87-88.

(4) No sentido de «torcedura» é palavra recente e prende-se a *torcer*.

a pantera. Jud (i), porém, com razão, partindo do esp. e port. *pardo*, prefere dar-lhe este sentido.

Bracätus, por ora, é atestado apenas pelas inscrições africanas, e Jeanneret interpretou-o como «porteur de braies». Jud, entretanto, que tinha em mente o esp. e port. *bragado* (2), o cat. *bragat*, assinou-lhe o sentido de «raies de diferentes couleurs autour des jambes d'un animal» (3).

Sermonäre, vulgarismo que aparece numa inscrição dos fins da República (4), não significa, propriamente, *conversar* (como dizem os léxicos), mas tem o seu exacto equivalente no port. arc. *sarmoar* (5), «tomar a palavra, exortar».

E claro que as inscrições são da mais variada espécie e que, portanto, nem todas apresentam o mesmo interesse (6).

Para o conhecimento do latim vulgar, têm a mais alta importância as chamadas tábuas execratórias (*tabellae defixionum*). São elas, como se sabe, mensagens anónimas, endereçadas a divindades malfazejas, com o fim de obter, em detrimento de qualquer adversário e fora dos meios naturais, vantagens improváveis ou ilícitas (7).

(1) Vid. *Romania*, XLV, pág. 551. A palavra liga-se antes a PARDĀLUS, de origem grega (esp., port. *pardal*) magrebe *barthal*). Cf., ainda, o derivado *pardelha*, nome de um peixe.

Está, pois, afastado o étimo PALLIDU, referido em Diez, *Etymologisches Wörterbuch der romanischen Sprachen*, 11, 1870, pág. 162.

(2) sendo eu mais mancebo que aguora, diante os meus olhos me tomaram a vaca *braguada*, may destoutras *braguadas* que tenho eu ainda agora.. » (*Menina e Moça*, ed. de Carolina Michaelis, pág. 63.)

(3) *Loe. cit.*, pág. 551. No *F. E. W.*, 1, 1928. pág. 480, há outras formas galo-românicas.

(4) *C. I. /-*, i, 1012; vi, 140. Ernout, *Recueil de textes latins archaïques*, 1938, pág. 104.

Aulo Gélio confirma a rusticidade do vocábulo: «*Sermonari rusticius uidetur, sed rectius est...*» (*Noctes Atticae*, xvii, 2.)

(5) Aparece em texto do séc. xiv: «Castigou todos, *sarmoando* *Ahes* mui to.» (*Inéditos de Alcobaça*, 1, pág. 94.)

(6) São muito curiosos, a varios respeitos, inclusive sob o aspecto linguístico, os chamados *graffiti* de Pompeios. Cf. E Thomas, *Roman Life under the Caesars*, 1899, ss-> H. H. Tanzer, *The Common People of Pompei. A Study of graffiti*, Baltimore, 193q.

(7) M. Jeanneret, *La langue des tablettes d'exécration latines*, 1918, pág. 4.

Trata-se, pois, de actividades e sentimentos peculiares a indivíduos das mais ínfimas classes sociais. São escravos, libertos, gladiadores.

As práticas da baixa magia, originárias do Oriente, estavam difundidas na Grécia aí pelo v séc. a. C. No que toca à Itália, elas penetraram primeiro na Campânia no 11 ou 1 séc. a. C. A introdução em Roma e subsequente extensão a todo o Império, pelo veículo dos soldados e comerciantes, data da época imperial.

Desde o meio do 1 séc. a. C., elas pululavam, a ponto de se estabelecerem leis rigorosas contra os feiticeiros e de Tácito (*Ann.*, ii, 32; xii, 52) os denunciar como um perigo público (1).

O motivo da imprecação nem sempre é visível. Todavia Jeanneret (*ob. cit.*, pág. 5) estabeleceu quatro grupos de causas principais :

I) — *amatoriae*: o amor sem esperança, o amor ciumento, o despeito amoroso, provocam o desejo de votar aos Infernos a amante infiel ou rebelde, o rival afortunado ou, ainda, um e outro ;

II) — *iudiciariae* : o temor de perder um processo ou o despeito de o ter perdido levam o litigante a desejar males e contratempos ao adversário;

III) — *in fures*: o desejo de vingança provoca apelos à magia, a fim de que sejam atingidos os inimigos, graças à omnisciência demoníaca;

IV) — *ludicrae* : os jogos do Circo, a tal ponto obcecaram a paixão dos frequentadores, que eles não hesitavam em pedir às potências ocultas a morte de tal gladiador ou tal cocheiro, ou a derrota da facção rival.

A valorização das tábuas execratórias é relativamente recente. Ainda que fossem conhecidas há mais tempo, a sua divulgação deve-se ao sábio francês Audollent, que, em 1904, organizou a preciosa colecção das *Defixionum tabellae* (2).

Em 1912, W. Sherwood Fox publicou mais cinco, prove-

(1) Vid., entre outros, Friedländer, *Sittengeschichte Roms*; 11,425111, 322; Paoli, *Urbs. La vida en la Roma antigua*, 1944, 296 e segs.

(2) Dentre as resenhas só conheço a de A. Grenier, na *Revue de Philologie*, 1903, págs. 174-176.

nientes de Roma e datadas do séc. I a. C.: *The Johns Hopkins University tabellae defixionum*, in *American Journal of Philology*, apêndice ao 1.º fasc. do vol. xxxni, Baltimore, pág 68. Foram elas estudadas por Vendryes, na *Revue de Philologie* (1912, págs. 203-208): *La langue des «defixionum tabellae» de Johns Hopkins University* (1).

Em 1916 e 1917, Maurice Jeanneret deu a lume, primeiro na *Revue de Philologie* (1916, págs. 225-258; 1917, págs. 5-99; 126153-249-257 -) e depois em separata, um importante estudo intitulado *La langue des tablettes d'exécration latines*, 1918.

Esta memória deve completar-se com o artigo de Maurice Besnier, na mesma revista, 1920, págs. 5-30: *Récents travaux sur les defixionum tabellae latines, 1904-1914*, que enriquece a bibliografia do assunto com as últimas tábuas que apareceram até então.

Mais recentemente, Audollent publicou outras tábuas: *Une nouvelle tabella defixionis africaine* (in *Mélanges Paul Thomas, Bruges, 1930*, págs. 16-28); *Deux tabellae defixionum trouvées dans la Fontaine aux mille amphores* (in *Revue de l'Histoire des Religions, Paris, cu, 1930*, pág. 114). E vid. a notícia estampada na *R. E. L.*, 1938, pág. 26.

I

DEPRECOR VOS SANCTI ANGELI VT QVOMODO EC ANIMA INTVS
INCLVSA TENETVR ET ANGVSTIATVR ET NON VEDE NEQVE LVMINE NE ALI-
**QVEM REFRIGERIVM NON HABET SIC VT ANIMA MENTES CORPOS COLLEC-
TICII QVEM PEPERET AGNELLA TBNEATVR ARDEAT DESTABESCAT VSQUE
AD INFERNVM SEMPER DVCITE COLLECTICIVM QVEM PEPERET AGNELLA.**

(«Rogo-vos, ó santos anjos, que, assim como esta alma, aqui inclusa, é conservada e se angustia e não vê luz, nem

(i) Trata-se, aliás, de uma inscrição única, repetida cinco vezes: só muda o nome da pessoa visada pela *defixio*. Vem publicada em Ernout, *Recueil de textes latins archaïques*, 1938, pág. 100 e segs., que não cita o artigo de Vendryes. A conclusão deste é que a tábua foi gravada por um provincial : «pourrait bien n'être que du latin fléchi à la mode des Marsees.»

tem algum refrigério, —assim a alma, a mente e o corpo de Colecticio, que Agnela pariu, seja conservado, arda e se desfça; conduzi sempre ao Inferno a Colecticio, ao qual pariu Agnela.»)

Esta *defixio*, de proveniência desconhecida, está gravada no interior de uma urna. Tudo leva a crer, porém, que seja oriunda de Roma e se deva a um adepto da seita gnóstica dos wSetistas. Não parece posterior ao v séc. d. C. (*L'Année épigraphique*, 1941, pág. 43.)

&

Fonética—1. 2: *ec (haec)*. Deste facto há exemplos desde o séc. i d. C., mas ele só parece ter-se generalizado no século seguinte. Cf. Seelmann, *Die Aussprache des Lateins*, 1885, págs. 178 e 225.

1. 3: *uede (uidet)* \ 1. 6: *peperet (peperit)*. A mudança de *i* em *e* era geral no séc. m, a julgar pelos numerosos exemplos que ocorrem nas inscrições dessa época. Cf. Seelmann, *ob. cit.*, págs. 200-1.

1. 3: *uede (:uidet)*. A perda do *-t* final é facto que estava latente na deriva geral itálica, pois desaparecia em volsco, em umbro e, às vezes, no falisco. Parece ter-se generalizado durante a época imperial. Cf. Stolz-Leumann, págs. 176-7

1. 6: *corpos {corpus}*. A confusão entre as terminações *-os* e *-us* operou-se desde o séc. ui, tendo-se generalizado, depois, a primeira delas. Cf. Grandgent, *ob. cit.*, pág. 163.

Morfologia — 1. 4: *lumine(m) (lumen)*, forma que Grandgent não documenta, pois a refere como hipotética (*ob. cit.*, pág. 216).

1. 4: *aliquem (aliquod)*.

1. 6: *mentes (mentis, por mens)*, curiosa forma a cujo respeito poderá ler-se o que escrevemos nas *Fontes do Latim Vulgar*, pág. 162.

1. 7 : *destabescat (detabescat)*, onde se vê a substituição do prefixo *de-* por *dis-*, que é caracteristicamente vulgar. Cf. Schuchardt, *Vok. des Vgl.*, 11, 71 e segs., e W. König, *Die Präfixe dis- de- und ex- im G alloromanischen*, 1935.

II

IN n(omine) D(omi)ni incipit iscr(i)btvra (a)d grandine(m)
 DOMNE LOBIS OBT(1)ME CABTVLINE MA.....RVS.
 S ———APIEM FACIEM DEI IBI ISTA ISTABAT DEI.
 REN V... GRMNVS IBI NATA EST BITIS CVM SENQVINE CRISTI IBI ISTA
 ET INGIRA MODO, TER MEMORA DVM QVENDVM FVIT GRANDA SICCITAS
 ET NVLLA FONTIS A QVEM NON ABEBAT QVID FVISTI AD FONTEM
 BIBAM VT BIBERS A QVEM LINPIDAM EIXIF BIPERA SERPIS VT SOLBERËT
 TE ET DIXIT ILLI OMVNIO LIBERA ME DE AQVAS MALAS 7 DE GRAN-
 DINE MALA EGO TE LIBERO DE AQVAS MALAS ET DE GRANDINE MAL.
 IBI ISTA ET INGIRA MODO TER MEMORA DVM QVENTV TENET TERMIN VS
 ISTE DEFISONIS INCAD BIRACTIMATIS INCAD TAIDA INCAD BALORENV
 INC AD SENTV MAXIMV INC AD CAPRARA INCAD PASSA SECOR INCAD
 CASTRV MAM VN ASSEN INCAD BILLA DE ABDELLA ET DIFATAN TVM
 INGIRET GRANDO ISTA DE NVBE MALA ET DE MESSSES 7 DE BINEAS
 ET DE ORTA ET POMA ET DE ILICETA ISTA ET DE OLIBA IN NOMINE)
 d(0M1)n1 PATR 7 FILIO ISPIRTO DI SENTO X TVNOMEN SENTV QVIA
 BALEAT QVOD EGO INCENTO AGIOS AGIOS AGIOS EMEN EMEN ALLE-
 LVIA ALLELVI(a).

Trata-se de inscrição profiláctica contra a saraiva, gravada nas duas faces de uma grande cruz de chumbo. E proveniente da África (Aïn-Fourna) e data, presumivelmente, dos fins do séc. vi ou princípios do seguinte. (*L'Année épi graphique*, 1939, págs. 45-46.)

Fonética — 1. i: *iscr(i)btura (scriptura)* ; 1. 5: *istabat {stabat}*] 1. 26: *ispirto (spiritu)*.

Os mais antigos exemplos, conhecidos até agora, da prótese de *i* antes de *s* impuro, são *iscolasticus* numa inscrição de Barcelona (Carnoy, *ob. a/.*, pág. 110) e *ispiritalks (spirituales)*, *Iscintilla*, em inscrições africanas (Jeanneret, *ob. cit* pág. 257). Ascendem ao 11 séc. d. C.

Há, porém, muitos exemplos posteriores: *iscola* (C. I. L., vi, 32965), *Ismaragdus* (C. L. Lxii, 1971), *isperabi* (C. I. Z., x, 8189), *ispose* (C. I. L., vii, 3485), *jspeculator* (C. I. L., viii, 2833). Na *Vetus Itala* ocorrem: *iscientia*, *iscola*, *istare*, etc. (Rönsch, *Itala und Vulgata*, 1875, pág. 467.)

Bourciez supõe que «à l'origine, cette prosthèse paraît s'être produite seulement derrière consonne (*cum ispatha*, mais *ilia spatha*), et c'est une habitude d'euphonie dont il s'est conservé des traces en Italie jusqu' à nos jours (voir § 161)». Cf. os *Eléments de linguistique romane*, 3.^a ed., 1930, pág. 48.

A propósito desse fenómeno, que não encontra bases seguras no fonetismo latino, escrevia Schuchardt: «Vielleicht übten fremde Sprachen einen Einfluss auf das Vulgärlatein aus. Wenigstens darf man, wenn irgendwo, so hier einen solchen annehmen, da diese Lauteigenthümlichkeit nicht, wie fast alle anderen, durch allgemein-lateinisch Analogieen vorbereitet erscheint. Wurde sie etwa mit dem Christenthum aus dem Orient nach Italien verpflanzt? Die Zeit, zu welcher sie aufkam, würde hiermit stimmen. Oder war sie — da die frühesten Belege zum grossten Theil Afrika angehören — aus einem einheimischen Dialekte (...) in die lingua rustica Afrikas übergegangen und hatte sich von hier aus weiter verbreitet?» (*Vokalismus der Vulgärlateins*, 11, pág. 348.)

Ainda há pouco Pisani voltava ao tema, lembrando que houve, possivelmente, influência do grego da Asia Menor, região do mundo helénico onde o cristianismo primeiro se firmou, e donde depois se espalhou pelo Império Romano Cf. *Geolinguistica e indeuropeo*, Roma, 1940, pág. 177.

1. 1: *isr(i)btura* (*scriptura*); 1. 2: *obtime* (*optime*);
1. 3: *cabtuline* (*cap'tuline* < *capitoline*).

Há outros exemplos deste câmbio de *pt* em *bt*: *sebtembribus* em 463-541 d. C. (Seelmann, *ob. cit.*, pág. 299); *scnbtum*, no *C. I. L.*, vii, 3727; *scribtura*, em Diehl, *I. L. C. V.*, 1232; *sebtina*, id., 1384; *Babtista*, id., 2108 e 2109.

1. 2: *lobis* (*nobis*). Interessante caso de fonética sintáctica, em que se vê dissimilação de nasais: *domne nobis* > *domne lobis*.

Há outros exemplos da mesma fórmula: nasal -f nasal > nasal -l: *moli?netltn?n* (*C. I. L.*, vm, 2269), *Melander* (id., xiv, 1291).

Cf. Schopf, *Die konsonantischen Fernwirkungen: Fern-Dissimilation, Fern-Assimilation und Metathesis*, 1919, págs. 97-99.

Quanto à fonética sintáctica, pode comparar-se: *et tabula* > *et dabula* (Diehl, *I. L. C. V.*, 2068).

1. 2: *domne (domine)*] 1. 3: *cahtuUne (cab'tuline)*; 1. 10: *bibers (biberes)*; 1. 26: *ispirio (spiritu)*; cp. *ispirto* em Diehl, *I. L. C. V.*, 228₉).

A respeito da queda das vogais átonas, vid. as *Fontes do Latim Vulgar*, 1946, págs. 140-1.

1. 6: *senquine (sanguine)* E bastante curiosa a mudança de *a* tônico em *e*, que se vê neste exemplo e noutros da mesma inscrição: 1. 7: *quendum (quandum)*] 1. 16: *quentu (quantu)*; 1. 26-7: *sentu (sanctu)*; 1. 27: *incento [incanto)*. Em posição átona, vid.: 1. 9: *aquem (aquam)*] 1. 28: *emen [amen)*.

Só conheço um exemplo semelhante, colhido, também, numa inscrição africana: é *exsenyium (=exsanguiu?n)*, de uma tábua execratória de Cartago. Vid. *Revue de Philologie* 1917, pág. 8.

Tratar-se-á de uma particularidade do latim africano?

Quanto a *qu* em vez de *gu*, vid. : *uncis (unguis)* numa inscrição de Nomento, recolhida em Audollent, *ob. cit.*, pág. 536, η. 135 ; *dicitus* (por *digitus*) no *Appendix Probi* e em Audollent.

H. Grégoire (*Un problème phonétique du latin vulgaire*, in *R. B. Ph.*, vin, 1929, 662) pretende que a alternância *digilus ! dicitus* se explicaria pelo facto de que o *g* intervocálico tendia a aproximar-se de χ grego. Cf. mais o que dizemos nas *Fontes do Latim Vulgar*, pág. 188.

1. 6: *vitis* ; 1. 11: *vipera*; 1. 11: *sorver et]* 1. 23: *vineas* ; 1. 25: *oliva]* 1. 27: *valeat*. E bem antiga a confusão entre o *v*, som que se desenvolveu da semivogal *u*, e o som bilabial *b*. Eis os exemplos: *Nerba* (entre 98 e 117 d. C.), *iubentut is* (155 d. C.), *vene* (180 d. C.). Cf. Seelmann, *ob. cit.*, pág. 240.

1. 9: *abebat (habebat)]* 1. 12: *omuncio (homuncio)]* 1. 24: *orta (horta)*. Desde os fins da República há exemplos da supressão do *A*, tornado mero sinal gráfico. Os gramáticos posteriores atestam, amplamente, a *detractio adspirationis*: *omo* por *homo* (Diomedes: Keil, i, 452; Pompeio: Keil, v, 285); *arena* por *har ena* (Sérvio: Keil, iv, 444); *ora* por *hora* (Mário Plócio: Keil, vi, 451); *umum* por *humum* (Audaz: Keil, vu, 361); *onorem* por *honorem* (id., ibid.). Cf. Mihăescu, *Gramatici lat ini si barbar ismul*, in *Buletinul Institutului de' Filologie Rormna*, Iasi, vol. vi, 1939, pág. 86.

1. 11 : *solberet* (*sorveret*). Dissimilação, de acordo com a conhecida fórmula $r \rightarrow r > l \rightarrow r$. Cf. *albor* (*arbor*) no *C. G. L.*, m, 55g, 43 (com representantes românicos: *R. E. W.*, 606); *pelegrinus* (*peregrinus*) no *C. I. L.*, xi, 2879 (com representantes românicos: *R. E. W.* 6406); *telebra* (*terebra*) no *Appendix Probi*, 125

Cf. Schopf, *ob. cit.*, págs. 80-88.

1. 17: *defisonis* (*defixwnis*). Grandgent afirma que o câmbio de $cs(x)$ em ss se operou desde o séc. 1, mas com carácter meramente local (*ob. cit.*, pág. 168). Entretanto os exemplos consignados em Seelmann *ob. cit.*, pág. 353) são muito posteriores : séc. v d. C.

1. 27: *sentu* (*sanctu*) Grandgent diz que o grupo - *net* - se assimilou em -/2/-, em parte do Império, provavelmente desde o séc. i (*ob. cit.*, pág. 175[^]). Os exemplos datados são posteriores: *santo*, em *C. I. L.*, vi, 730 (391 d. C.); *saniorum*, em *C. I. L.*, vin, 9285 (382 d. C.).

Morfologia — 1. 11 : *eixit* (*exivit*)

1. 11: *serpis* (*serpens*), curiosa forma, que, no acusativo do singular, *serpean*), explica o port, *serpe* e outras formas românicas. Cf. u *R. E. W.* s. u.

Sintaxe—1. 27: *quia* (equivalente a *ut*).

III

Omines (int)rent et canes detraent. EGO Esizosvs fabricabi
ET PE(r)FECI. QVÌ ME QVERET CREDIT OP(vs) l(e)vE INBENIT.

E uma inscrição africana, de El-Auja, sem data. (Alfred Merlin, *Inscriptions latines de la Tunisie*, Paris, 1944, n.º 738.)

Fonética—1. 1: *omines* (*homines*)] *detraent* (*detrarent*).
Vid. on. ii.

1. 2: *Esi{Osus* (*Exitiosus*). Quanto à assimilação $cs(x)$ - $ss(s)$, vid. o n. 11.

A evolução de *ty* é muito complexa, porque é difícil descobrir a realidade fonética que se esconde nas mais variadas grafias. Exporemos, todavia, o material que se tem recolhido até agora.

Pompeio, gramático de séc. v d. C., ainda pretendia remar contra a maré: «Iotacismi sunt, qui fiunt per i litteram, siqui ita dicat, *titius* [*titsius?*], pro eo quod est *titius*, *Auentius* [*CAuentius?*] pro eo quod est *Auentius*, *Amantius* [*Amantsius?*] pro eo quod est *Amantius*. Quo modo ergo hoc fit uitium? Definiamus illud, et uidebimus postea, quo modo cauere debemus. Fit hoc uitium quotiens post *ti* uel disyllabam sequitur uocalis, si non sibilus sit. Quotiens cumque enim post *ti* uel *di* syllabam sequitur uocalis, illud *ti* uel *di* in sibilum uertendum est. Non debemus dicere ita, quem ad modum scribitur *Titius*, sed *Titius*; media illa syllaba mutatum in sibilum.» (Keil, *Grammatici Latini*, v, pág. 286.)(1)

Dessa pronúncia assibilada (isto é, *ty*>*tsy*) conhece-se um exemplo do séc. 11 d. C.: *Crescent si an(us)*, em inscrição do ano 140 (Seelmann, *ob. cit.*, pág. 323); outro do século seguinte: *Marsianesses* (*Martsyanesses*) por *Martianenses*; mas esses exemplos só se tornam numerosos a partir do séc. IV d. C.

I — *Vincentqus* (Audollent, pág. 253 — parece do séc. 11 d. C.).

Ampil\atru (*amphitheatru*: id., ibid.).

\lofilus (*Theophilus*: App. Probi).

Pret\ios(a) (C. 7. L., vm, 13854).

Laurent Iio (C. L. L., in, 123q6).

Vincenia (C. I. L., vm, 16208).

Carll\e (Diehl, *I. L. C. V.*, 2984 A).

Constant\o (Diehl, *I. L. C. F.*, 2811 A) (1).

Vomfat^ia (C. I. L., vm, 23b68).

Te\ianus (*Tit\ianus*: Diehl, 2296 A).

(1) Meaos esclarecidos são: *Tjucetjinus* (Diehl, *I. L. C. V.*, 2710), *init 7 ini* (id., 2985!), *Balent^ies* (id., 316 5).

- II — *Crassano* (*Gratsyano* : Seelmann, pág. 323).
Terensus iTerentsyus: C. I. L., viπ, 9927).
Inocensa ilnocentsya: C. I. L., vin, 21751).
Gensane (*Gentsyane*: Diehl, 2259).
consiensia (C. I. L., xii, 2153).
sapiensie (C. I. L., χιι, ι477).
Sabassanus (*Sabastsvanus* : Diehl, 4240).
Salussianorum (*Salustsyranorum* : C. I. L., xv, 7250).
Ametyssianus (*Atnetystsyanus*: C. I. L., ix, 4028).
Crescensa (*Crescentsya*: C. I. L., viii, 21540).
Fidensus (*Fidentsyus*: C. I. L., viii, 21637, do ano 395 d. C.).
- III— *condicione* (em inscrição do ano 154 d. C.: vid. *L'Année épigr achique*, 1940, pág. 23).
terminaciones (numa inscrição da África, de entre 222 e 235 d. C.: C. I. L., vm, 8812).
defeniciones (id., *ibid.*).

Como se vê, não é fácil interpretar esses três tipos gráficos. Podemos, entretanto, aceitar a opinião de Carnoy: «.. en certaines régions, le peuple disait toujours *tsy* tandis que les gens à moitié instruits s'efforçaient d'articuler *ty* comme les gens bien élevés. Ce *ty* ne leur étant pas familier, il serait assez naturel qu'ils l'aient mal prononcé.

Comme, d'autre part, la gutturale du groupe *cy* se rapprochant toujours du palais dur, n'était plus très éloignée de l'articulation du /, on comprend que ces gens aient confondu ce *ty* avec le groupe *ky* qui faisait partie de leur phonétique habituelle. Or les lapicides appartenant le plus souvent à cette classe de demi-lettrés: rien d'étonnant à ce qu'ils aient parfois échangé les graphies *ti* et *ci*.» (*Ob. cit.*, págs. 145-146.)

Essa variedade de tratamento reflecte-se na evolução românica. A princípio, Neumann, Meyer-Lübke e Guarnerio explicaram a divergência com a posição pré ou pósónica. Há vinte e cinco anos, Lud e Steiger (*Romania*, XLVIII, 1922, 145-147) expuseram uma teoria que teve muita aceitação: o português, o logodorês e o romeno, que têm ç, ou outra consoante surda, prendem-se à ç-ssibilação vulgar *putsu*, em vez de *puleu*,—enquanto o

espanhol e o francês, que têm \ sonoro, ascenderiam à restauração culta *putiu* ou *putsiu* (trissílabo).

Mas (como objecta Mene'ndez Pidal), se o português, por exemplo, segue uma corrente mais popular, porque não sonoriza ?

Esqueceram-se os doutos romanistas de que em português há exemplos das duas evoluções: *vitxu*>*ve*lo, *matlana*>*maçã*.

Por isso, ate' prova em contrário, o mais provável é admitir dois grupos: *tty*>*ç* e *ty*>|. Vid. Américo Castro, nota a Meyer-Lübke, *Introd.*, pág. 260.

1. 2 \ *fabricabi* (*fabricavi*) \ 1. 4: *inbemt* (*invenit*).
1. 3: *quer et* (*quaeret*).

Morfologia — 1. 1 : *detraent*, por *detrahand*.
1. 2: *credit*, por *cre dai*.

Ainda que não sejam das mais antigas, cremos que o estudo destas inscrições foi proveitoso, por mostrar alguns dos mais característicos fenómenos da língua vulgar.